

## ▼ Editorial

Aborda a importância da renovação e do engajamento nas tarefas no IDE-JF..... 2

## O poder de transformação das ideias espíritas

Com base nas contribuições de Léon Denis, a articulista ressalta o potencial do Espiritismo na mudança do pensamento humano. Ela retrata a capacidade dos postulados doutrinários de sensibilizarem corações e mentes acerca das verdades espirituais, e suas consequências.

**Página 5**

## ▼ Fotos

IDE-JF expõe obras em festival de livros espíritas ..... 8



Foto: Claudia Nunes.

## A importância da arte (espírita)

Entre versos e parágrafos, a autora desenvolve uma reflexão progressiva sobre a relevância da arte em nossas vidas, mostrando como seria difícil estar em um mundo sem cores, sons e histórias. O texto de Clarissa Videira abrange, também, concepções espíritas sobre a expressão artística por meio de autores consagrados.



Crédito: Freepik.

**Páginas 6 e 7**

## É possível ser espírita sem acreditar em Deus?

Neste artigo, o colaborador Ricardo Baesso se vale de uma interessante metáfora sobre o consumo de bombons, para discutir a respeito da obrigatoriedade de acreditar (ou não) em todos os princípios doutrinários tradicionalmente aceitos pelos espíritas. Nessa discussão, Baesso propõe considerações sobre a existência e os atributos de Deus.

**Páginas 3, 4 e 5**

Crédito: Freepik.



## Justiça social

Partindo de imagens da realidade cotidiana, o autor promove uma séria reflexão em torno das desigualdades sociais. O texto aponta para a necessidade de assumir a nossa responsabilidade diante das misérias humanas, evitando atribuir sua causa ou sua solução a forças divinas.

**Página 3**

Confira as novidades e participe!

## Atividades do IDE-JF

<b>Bazar*</b> Sábado: 9h às 11h30	<b>Grupo Higiene Mental (on-line)</b> Terça-feira: 19h30
<b>Biblioteca</b> Quinta-feira: 19h45 às 21h Sexta-feira: 14h30 às 16h Sábado: 18h45 às 20h	<b>Livraria</b> Segunda-feira: 20h às 21h Terça-feira: 19h às 20h Quarta-feira: 19h às 20h Quinta-feira: 19h às 21h Sexta-feira: 15h às 16h e 18h às 19h Sábado: 19h às 20h Domingo: 9h às 10h
<b>Espiritismo para Crianças e Mocidade</b> Quinta-feira: 20h Domingo: 9h30 às 10h30	<b>Passe – oferecido após a palestra</b> Quinta-feira: 20h Sábado: 19h
<b>Farmácia/CAEC*</b> Terça e sexta-feira: 14h às 17h	
<b>Tratamento Magnético (passe)</b> Sexta-feira: 15h e 18h30	

\* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

## Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Graça Paulino	Domingo, 9h - 9h45 Presencial
<i>Ação e Reação</i> , André Luiz / Chico Xavier	Thereza Cristina	Segunda, 19h - 19h45 On-line
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h - 20h Presencial
<i>Boa Nova – Humberto de Campos</i> – Chico Xavier	Léia da Hora	Segunda, 20 - 21h Presencial
<i>Revista Espírita, Ano 1864</i> , Allan Kardec	Ademir Amaral	Sexta, 20h30 - 21h30 – On-line

## PALESTRAS PÚBLICAS PRESENCIAIS

**QUINTA-FEIRA ÀS 20H**

**SÁBADO ÀS 19H**

Venha ouvir a exposição de temas espíritas,  
tomar passe e colocar o nome de pessoas  
queridas na vibração.  
Traga a família e os amigos!

## Renovação

Mais um ano se inicia e, com ele, as esperanças se renovam!

Que sejam renovadas também as nossas disposições em nos melhorar cada vez mais – trabalho individual e intransferível de cada um de nós!

Falando em renovação, este ano teremos eleições para a Diretoria do IDE-JF e lembramos a todos os nossos trabalhadores voluntários que se engajem neste tema, que é de grande importância para a nossa instituição. Que renovemos não somente os ânimos, mas também o nosso desejo de sempre ajudar e estar envolvido em todas as atividades do IDE-JF.

A participação tanto na eleição quanto na Assembleia Geral Ordinária é um dever de todo trabalhador voluntário da instituição. É o momento mais efetivo de buscarmos mudanças, de sugerirmos novos caminhos, de ratificarmos o que já foi feito e agregou resultados positivos, enfim, o momento oportuno para colaborarmos com o desenvolvimento e aprimoramento do trabalho realizado pela casa.

A Diretoria do IDE-JF agradece aos colaboradores voluntários da nossa instituição pela confiança depositada em nosso trabalho, realizado sempre com o objetivo de trazer paz, luz, entendimento, solidariedade, inclusão, diálogo, acolhimento e fraternidade.

Feliz 2026 e muita paz!

### Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa  
Departamento de Comunicação: Elisa M. da Costa, Claudia Nunes, Lucas Rieger e Osvaldo Silva Filho  
Departamento Doutrinário: Chrystian Barroso Chaves e Myrianceli Jorio  
Departamento Editorial: Elisa M. da Costa e Osvaldo Silva Filho  
Departamento de Evangelização: Izabela de Paula Gonçalves e Lucas Rieger  
Departamento Mediúnico: Emilia Paro e Geraldo Marques  
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Janezete Marques

### Expediente

O IDEAL é uma publicação bimensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora  
Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG  
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejff@gmail.com  
Departamento de Comunicação: responsabilidade compartilhada entre todos os departamentos, sendo o jornal O Ideal uma atribuição do Departamento Editorial  
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG  
Editoração: Angela Araújo Oliveira  
Tiragem: 500 exemplares  
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32)3313-2050  
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

## Deus não julga

Sempre que vou ao Rio sinto que vejo a pobreza mais de perto, principalmente na entrada da cidade maravilhosa, olhando para o lado direito de quem entra, no sentido Juiz de Fora-Rio. As casas construídas com pedaços de caixotes à beira do mangue, os barracos de concreto sem reboque, as ruas sujas, apertadas e sem estrutura, os urubus sobrevoando o lixão, os pedintes, os que dão esmolas, os que olham e passam e os que passam, olham e sentem o clima pesado da miséria, mas não vivem nela (enquadro-me nessa categoria).

Senti que a miséria está mais perto do que pensamos e fingimos não ver para ficar mais fácil lidar com a nossa consciência.

A pobreza e a miséria moram lado a lado: vejo construções modernas em contraste com favelas, sacadas com área *gourmet* onde se avistam amontoados de casas... Andando pela periferia, é possível ainda ver casas de barro batido em estruturas de bambu, crianças desnutridas correndo e brincando nas ruas, barracos pendurados em barrancos e o perigo iminente dos desabamentos e deslizamentos.

A angústia da pobreza aparece nos momentos de mendicância. A pobreza se destaca com a formação incessante de favelas, onde diuturnamente se vê filhos chorando por comida e não existe nada para comer. Pessoas querendo trabalhar e não há emprego, tampouco onde se ocupar para conseguir sanar a fome de curto prazo. É essa penúria e muito mais, que circunda a vida de quem não tem oportunidade e condições para procurar um meio de sobrevivência que traga dignidade.

Pedintes nos sinais, pessoas dormindo nas calçadas... Como achar uma solução para isso tudo? Não sou contra dar esmolas, mas creio que não erradica o problema, apenas ameniza a culpa do descaso que mora em todos nós. O Brasil não é um país pobre, mas um país extremamente injusto e desigual, com muitas

pessoas em situação de vulnerabilidade generalizada. O que me causa tristeza é saber que sou brasileiro e cometo o mesmo erro. Não posso agora tentar levantar a bandeira mascarada da inocência. Ando afastado das preciosas e necessárias ações sociais por comodidade e, muitas vezes, pelo cansaço de ver o estado caótico dos movimentos que negligenciam tudo isso.

Podemos nós, trabalhadores brasileiros, tentar fazer a nossa parte por menor que seja? Cabe aos que governam, que ditam as regras do país, encontrar soluções viáveis para resolver o problema ou pelo menos tentar. Contudo, a luta neste momento não é contra as políticas compensatórias que são apoiadas em última instância pelos organismos multilaterais, tampouco é entrar no frenético debate das distorções provocado pelas estatísticas e pelos números de órgãos governamentais. A questão central é: como mudar de forma concreta a realidade de milhões de brasileiros? É realmente necessária a dor para o aprendizado? “O homem é lobo do próprio homem”? Agimos e interferimos o tempo todo na sociedade. Sofremos transformações e transformamos ao redor mais do que imaginamos.

Direitos fundamentais são negados a essa população: direito a uma vida digna, direito à saúde, educação e moradia.

Em síntese, dizem que o Brasil é um país rico, com muito ouro, diamante, recursos minerais e vegetais que em outras nações não existem. Mas como se pode ser uma nação rica, com tantos filhos paupérrimos? A renda nacional, que porventura tenha crescido, serviu unicamente para incrementar as contas bancárias de banqueiros domésticos e externos, e implementar as atividades de multinacionais que só fazem explorar os consumidores do país? Temos responsabilidade por nossas escolhas.

*Antônio de Pádua*

Não existe glória em sentir pena da miséria se não arregaçarmos as mangas e darmos não apenas a esmola, mas tentarmos com nossos meios resgatar o amor-próprio e a dignidade de quem pede. Muitas vezes ouvir e dar atenção surte mais efeito do que dar alguns trocados para quem já perdeu as esperanças e o amor pela vida.

Nesse cenário, inegavelmente realista, como nós espíritas devemos agir?

A encarnação tem um sentido dinâmico, como viver em sociedade adquirindo experiência e progresso por meio das relações mútuas que nos levam ao aprendizado e ao progresso espiritual.

É preciso não só estudo, mas também ação. A prática desse aprendizado é importante na medida em que queremos transformar o mundo, e para isso é preciso ter integração, olhos de ver e coração de sentir, e muitas vezes esse coração vai sangrar pela dor do outro...

Como cristãos, temos por obrigação vigiar nossos atos e nossas decisões muitas vezes arbitrarias, rasas e inoperantes diante da necessidade material ou espiritual de quem nos procura. A ideia de que o sofrimento é necessário para a remissão dos erros de encarnações anteriores confronta diretamente com a questão 806 d’ *O Livro dos Espíritos*, que diz o seguinte:

*É lei da natureza a desigualdade das condições sociais?* “Não; é obra do homem e não de Deus.”

Por isso, tomar consciência de que temos que ser mais operantes é um passo a mais no processo de crescimento. Precisamos de uma reforma interior, aliar as soluções políticas e fazermos a nossa parte!

Deus não julga, não condena e não pune. Deus nos dá sempre a misericórdia da oportunidade! Que cada um pegue a sua e faça algo de útil.

## A metáfora da caixa de bombons

*Ricardo Baesso de Oliveira*

Quando nos deparamos com uma caixa de bombons sortidos, após nos deliciarmos com os que consideramos mais saborosos, restam-nos os outros, os menos saborosos: o que fazemos com eles? Jogamos fora ou os devoramos, mesmo sem apreciá-los?

Aplicamos aqui essa metáfora à ideia de que, ao nos considerarmos espíritas, sermos “obrigados” a aceitar tudo o que os espíritas tradicionalmente consideram como princípios doutrinários do Espiritismo. Esse problema nos foi apresentado recentemente por um co-

lega médico, leitor das obras de Kardec, e se relacionava especificamente à visão de Deus proposta pela doutrina espírita, particularmente os atributos de Deus: eterno, imutável, imaterial, único, onipotente e soberanamente justo e bom<sup>1</sup>.

Relevante esclarecer que a iniciativa de caracterizar Deus por meio de atributos não surge com Kardec, que nada fez além de reproduzir conceitos caros à tradição cristã. Os atributos de Deus não surgem de uma única fonte, mas nascem da experiência religiosa,

são formulados com instrumentos filosóficos, sistematizados pela teologia. Essa combinação explica por que há atributos comuns entre diferentes tradições religiosas e filosóficas, embora com interpretações distintas. Kardec apenas reproduziu o que a tradição cristã vem propondo há séculos.

Anteriormente, um primo já desencarnado colocara-me a complicada questão:

– Posso ser espírita sem acreditar em Deus?

Disse-me, então, o médico amigo: “aceito



a divindade como a inteligência suprema, mas não posso aceitá-la como a bondade e o amor supremos”. Ele se referia especificamente ao sofrimento humano, muito próximo de sua atividade profissional, na condição de médico.

Alguns problemas colocados por ele:

1. Deus exige de seus filhos um esforço e uma porfia repleta de percalços, que ele próprio nunca viveu. Considerando que Deus sempre foi Deus, o seu *status* não foi resultado do esforço pessoal.

Gustavo Geley, pelo motivo acima, mostrou-se simpático a uma espécie de panteísmo:

[...] a propósito dessas magníficas concepções panteístas, não quero deixar de citar aqui algumas belas palavras de Marius George (*Humanidade Integral*), janeiro de 1896: “Parodiando uma frase célebre, eu disse uma vez: – Sou homem e tudo o que se relaciona com os homens me interessa; mas o que não se referisse ao destino dos meus semelhantes não me poderia interessar. Se há um ou mais deuses, anjos ou arcanjos que jamais conheceram o esforço, a luta e o sofrimento; que nunca atravessaram a noite angustiada da ignorância, estes seres, que nada têm de humano, não me interessam para nada. Como seres superiores ou meus irmãos maiores e por muito altos que estejam na sua glória, eu não posso, nem quero honrá-los mais do que aos seres que têm vivido as nossas próprias misérias e que, pequenos como nós, souberam elevar-se à força de amor, de luta e de sofrimento”.<sup>2</sup>

2. A dor está no DNA da evolução, e não existe apenas como resultado da lei de causa e efeito. Sofre-se para nascer, crescer, gerar filhos, envelhecer, vendo os entes queridos partindo pela porta da desencarnação, para morrer etc. Um deus de amor, sendo a inteligência suprema, poderia criar outra dinâmica

evolucionária, que não essa!

3. O sofrimento expiatório não poupa ninguém: são atingidos o bebê recém-nascido e o idoso de mais de 90 anos. Até a falível lei humana poupa certos réus em decorrência da idade ou outros fatores.
4. Até mesmo os que oferecem a existência para falar dele e louvá-lo são atingidos com a mesma dose de sofrimento.

Segundo uma lenda, Santa Teresa de Ávila estava indo de burro até um dos conventos da ordem carmelita, quando o burro achou por bem derrubá-la em plena lama. Além de se sujar toda, ela ainda machucou a perna.

Ela então olhou para o céu e disse a Deus, com quem tinha grande intimidade filial: “Senhor, que bela hora para acontecer isto! Por que deixastes isso acontecer?”.

Uma voz do Céu lhe respondeu: “É assim que trato os meus amigos!”.

A santa mística retrucou no ato: “Se é assim que tratais os Vossos amigos, não me admira que tenhais tão poucos!”<sup>3</sup>.

Mas, após suas observações, perguntou-me:

– E você, Ricardo, não se incomoda com isso?

Respondi-lhe evocando Simone Weil, a pensadora francesa, morta em 1943:

*Desde a adolescência eu achava que o problema de Deus é um problema cujos dados estão faltando aqui embaixo e que o único método eficiente para evitar resolvê-lo de maneira errada, o que me parecia ser o maior mal possível, era não perguntando. Parecia-me inútil resolver esse problema, pois eu pensava que, estando nesse mundo, cabe a nós adotar a melhor atitude possível para com os problemas dele, e que essa atitude não dependia da solução do problema de Deus.*

E acrescenta:

*Deus só pode estar presente aqui embaixo em segredo.*<sup>4</sup>

Pascal, que além de matemático foi filósofo, acreditava não ser possível, com a razão, provar a fé em Deus, nem sequer Deus. Pascal recusava as tradicionais provas da existência de Deus. Daí, seu renomado pensamento: *o coração tem razões que a própria razão desconhece.*<sup>5</sup>

Léon Denis, cerca de 40 anos antes de Simone Weil, opinou:

*Pode-se levar mais além do que fizemos a definição de Deus? Definir é limitar. Em face desse grande problema, a humana fraqueza aparece. Deus se impõe ao nosso espírito, mas escapa a qualquer análise. O Ser que preenche o tempo e o Espaço não será jamais medido por seres que o tempo e o Espaço limitam. Querer definir Deus, seria procurar vê-lo e quase negá-lo.*

*As causas secundárias da vida universal se explicam, mas a causa primária permanece intocável na sua imensidade. Só chegaremos a compreendê-la depois de ter atravessado muitas vezes a morte.*

*Tudo o que podemos dizer para resumir é que Deus é a vida, a razão, a consciência, na sua plenitude. Ele é a causa eternamente ativa de tudo o que é, a comunhão universal onde cada ser vem haurir a existência para, em seguida, concorrer, na medida das suas faculdades crescentes e de sua elevação, à harmonia do conjunto.*<sup>6</sup>

Karl Jaspers, referindo-se à impossibilidade cognitiva de examinar Deus, prefere dizer que *Deus é*, em vez de *Deus existe*. Segundo ele, a existência pressupõe começo, meio e fim, e nem isso se aplica a Deus: “Deus existe pela decisão que me faz existir. Esta certeza não permite encerrar Deus numa fórmula, mas faz dele uma presença para a existência”. Segundo Jaspers, Deus em nossa vida não pode ser um conceito, mas pode ser uma experiência de amor.<sup>7</sup> Não pode ser um conceito porque não temos amadurecimento intelecto-moral para uma imersão cognitiva em torno dele, mas pode



**O Espiritismo de uma forma mais simples** (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



**O Evangelho de uma forma mais simples** (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



ser uma experiência de amor, vivida apenas na dimensão do sentimento. O Evangelho de João captou isso: *todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus*.<sup>8</sup>

Ante a insistência de Kardec em melhor compreender os mistérios de Deus, os Espíritos foram enfáticos ao esclarecê-lo quanto à impossibilidade de tal cometimento, convidando-o a estudar mais fortemente questões

<sup>1</sup> *O Livro dos Espíritos*, item 13.

<sup>2</sup> Resumo da doutrina espírita.

<sup>3</sup> <https://pt.aleteia.org/2019/09/05/por-que-deus-as-vezes-trata-mal-os-seus-amigos>.

possíveis e afeitas à nossa maior necessidade: o progresso intelecto-moral.<sup>9</sup>

Diante do exposto, o melhor, por ora, disse-lhe, é não pensar sobre isso! Deus existe, porque a outra opção é muito mais absurda que essa. Acreditar que o acaso deu conta de produzir coisas de tamanha complexidade como o universo, a vida e a criatura humana é racionalmente impensável.

<sup>4</sup> Espera de Deus.

<sup>5</sup> Pensamentos.

<sup>6</sup> Depois da morte.

<sup>7</sup> Caminhos para a sabedoria.

E, numa heterodoxia alucinatória, ousei resumir o capítulo primeiro d' *O Livro dos Espíritos* em três pensamentos:

1. Deus é.
2. Melhor não defini-lo, pois definir é limitar.
3. Qualquer conjectura a seu respeito é pura loucura.

<sup>8</sup> João 4,7.

<sup>9</sup> *O Livro dos Espíritos*, item 14.

## O impacto da ideia espírita no pensamento humano

Léia da Hora

Segundo Léon Denis, em *O grande enigma*, a evolução do ser humano dá-se em três campos distintos para despertar da inteligência e do sentimento, e que ocorrem em movimentos cíclicos: pela emoção, pela ideia e pela dor.

O abalo vibracional que chega pela emoção geralmente se faz de forma inesperada, quando o homem se queda a admirar a grandiosa beleza e perfeição da natureza. São momentos únicos em que a alma é tomada por emoção inevitável e inexplicável. É a intuição do que, por trás da cena em que se desenrolam os dramas da vida e o grandioso espetáculo da natureza, oculta-se um poder, uma causa suprema, que lhe regulou as fases sucessivas e traçou as linhas de sua evolução. Embora sejam intensos, são rápidos e deixam no homem uma sensação de reflexão, indefinida, como algo a se desejar.

Já o abalo vibracional causado pela dor é mais objetivo e mais intenso, marcando profundamente o homem. Segundo Léon Denis, em *O problema do ser, do destino e da dor*, é necessário conhecermos todos os estados da sensação para termos o conhecimento exato

de sua representação em nossa vida. A dor assim como o prazer são as duas formas extremas da sensação. A dor está presente em cada passo do caminho trilhado pelo ser humano. É a luta ardente pela sobrevivência. Esclarece o autor que a dor física produz sensações e o sofrimento moral gera sentimentos.

Ao homem inteligente, o poder das ideias traz a capacidade de transformar pela razão e pela lógica.

Em 1857, quando foi lançada a primeira edição d' *O Livro dos Espíritos*, o pensamento humano encontrava-se carregado de perdas irreversíveis. O mundo vinha de uma era secular trágica e fatal. O Espiritismo, à semelhança do Cristianismo, fez uma revolução no campo das ideias. O abalo vibracional sofrido pelo homem, ante a ideia espírita, trouxe ao seu pensamento uma representação mental de liberdade até então desconhecida. Eu não sou esse corpo perecível, eu sou um Espírito imortal, as minhas experiências não se perdem, os meus sentimentos não são em vão. A morte não mais existe, a justiça divina é imparcial, a vida continua.

É da certeza da comunicabilidade

entre os encarnados e os desencarnados que nos sentimos mais calmos e serenos ante a separação transitória dos corpos, dita a morte.

Um campo maravilhoso de descobertas se nos abre, as possibilidades são infinitas, exatamente porque a vida continua. É da ideia de salvar muitos que nascem os heróis, é da ideia de melhorar a qualidade de vida de todos que despertam os gênios. É da compaixão que germina a caridade.

É a ideia de que a vida continua e que o amanhã é a continuidade do hoje que nos estimula a sermos melhores, a acreditar em um mundo melhor.

Bendito o Espiritismo. Suas informações nos preenchem os mais profundos anseios, que aplacam nossas mais atemorizantes incertezas, que nos mostram a luz no fim de um túnel longo e sombrio.

É por isso que os mais humildes operários no tempo de Kardec, quando se preparavam para ouvi-lo, colocavam suas melhores roupas, levavam seu melhor vinho, suas melhores expectativas, porque, afinal, “vamos ouvir falar de Espiritismo”.



**A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)**

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



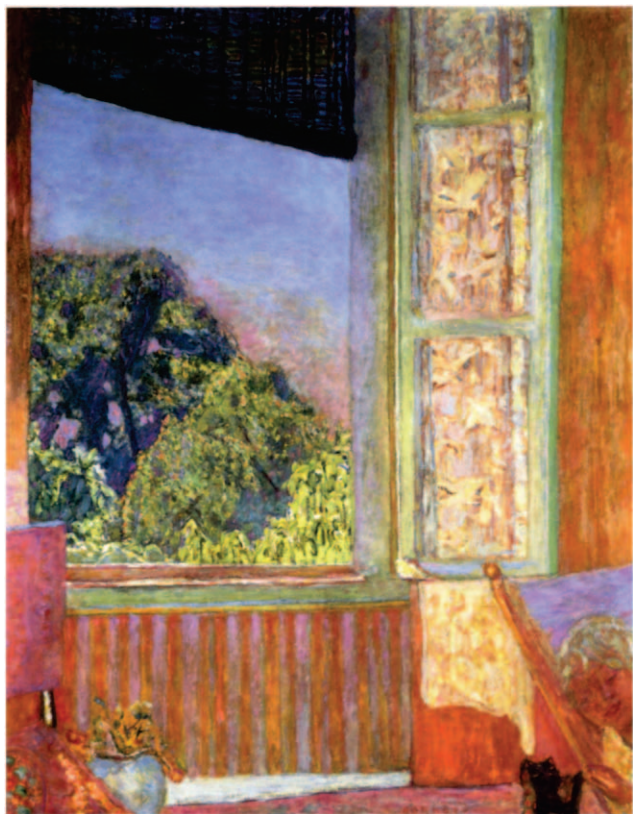
**Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)**

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

## A Arte no mundo



*A janela aberta*, de Pierre Bonnard (1921).

### I

Muito além de  
Letras e verbos e línguas, histórias  
e prosas e versos  
A nos unir tanto além de  
Cores de lentes, de sombras, de luzes  
de imagens e mentes a refletir  
Para além de mim  
(Verbos de Versos – Eu e o Outro)

Envolvemo-nos com a arte no mundo de diversas maneiras. Ela é parte da cultura e se encontra em meio à sociedade em que vivemos, integrando nossa experiência com as coisas, com os outros, e com nós mesmos. Vários momentos de nossas vidas parecem ser marcados por palavras, cores e sons, sentidos e histórias que acompanham nosso crescimento, nossa formação e nosso entendimento.

Na literatura espírita, há uma noção comum em torno da arte: a ideia de que “a verdadeira arte” é portadora de uma beleza que serve de instrumento para a elevação moral. No entanto, parece haver um contraste entre esses ideais e as artes deste plano.

Não seria justo adotar uma postura de desprezo pelo que é mundano, o que não nos isenta de refletirmos sobre as coisas que são objeto de nossa apreciação. Por meio do conhecimento espírita, podemos tomar um outro caminho, na direção de uma conscientização de nossa relação com as criações humanas.

Cabe ressaltar que na História da Arte, enquanto campo do saber, os parâmetros não são os mesmos: o belo não é prioridade em todos os momentos, e cada época e cada contexto têm características próprias. Quanto às várias obras produzidas pela humanidade, sua estética, sua função e sua finalidade nada têm de homogêneas.

Esses objetos demonstram, de certa forma, características nossas: o modo como percebemos o mundo, pelos sentidos e pela razão; os valores que atribuímos e o juízo que fazemos das coisas em um dado momento; o que consideramos mais ou menos importante; o que fazemos questão, ou não, de exprimir. Enquanto expressão humana, a arte revela muito sobre nós.

### II

*Forças que inspiram, que pintam e dançam*

*Forças que escrevem, encenam e cantam*

*Forças que brilham no centro do ser*

*São forças do ser maior*

*Forças que guiam os seres e os mundos*

*Forças que criam laços profundos*

*Forças que fazem a vida nascer, renascer*

(Grupo Bem – Forças do Ser)

Há uma relação muito íntima entre arte e vida: o impulso criador se relaciona com a energia presente nos seres vivos, com o *fluido vital*<sup>1</sup> que tem origem na matéria universal, e dá movimento e atividade a seres orgânicos<sup>2</sup>.

Em nosso corpo espiritual, essa energia é distribuída, concentrando-se em pontos específicos – os centros vitais<sup>3</sup> – que desempenham funções distintas. Dentre eles, o *centro genésico* está relacionado com a geração de novas formas entre os homens, e com os estímulos criadores atrelados ao trabalho e às relações entre os seres.

Referimo-nos também à *energia sexual*<sup>4</sup>, que é inerente à vida e atua na lei de atração. Ela é potência criadora, que se manifesta tanto na reprodução biológica quanto nas produções humanas, de matéria concreta ou teórica, científicas e poéticas.

Sendo assim, ao tratarmos da arte, leva-

Clarissa Videira

mos em conta a capacidade de criar e de se expressar, de gerar vida, descobertas e invenções; de exprimir o pensamento por meio de recursos materiais, encontrando formas de se comunicar; de interagir e se relacionar com o outro; de experimentarmos o prazer, e obter o aprendizado que todas essas coisas são capazes de proporcionar.

A arte não é considerada uma atividade essencial para a sobrevivência do corpo e, mesmo assim, parecemos incapazes de viver sem ela. Ela nos atende de outras formas: no entretenimento, no exercício de nossas habilidades, na compreensão de nossas questões, em nossas conexões.

Na história, há muitos outros motivos – as narrativas humanas, sobre indivíduos e nações; os enfeites em objetos do cotidiano, e a arte que acompanha momentos de solenidade; os usos religiosos e ritualísticos, e o experimento com técnicas e materiais; o que agrada ou provoca, e aquilo que nos faz sentir ou pensar.

Na observação da natureza, sua beleza e suas formas, a humanidade encontrou uma identificação com suas sensações e, tomando-a por referência, pôde elaborar e expressar suas próprias emoções. Com isso, a arte serviu para dar profundidade à sua consciência e às suas sensibilidades, dando um novo sentido à vida, e novas compreensões<sup>4</sup>.

São muito diversas as motivações que nos levam a consumir arte. Há produções, como a música, que podemos apreciar em conjunto, em uma experiência que é ao mesmo tempo coletiva, conectando-nos a um grupo de pessoas, e distinta, visto que cada indivíduo é único e carrega experiências anteriores, que formam suas percepções no presente.

Nossos gostos criam em nós um senso de identidade. Com frequência, a arte é capaz de tocar nosso mundo interior, permitindo-nos estar em contato com coisas que nem sempre conseguimos colocar em palavras ou racionalizar, mas que sentimos.

Além disso, há a excitação dos sentidos e das emoções, e o prazer que obtemos. O Espiritismo reconhece como obras de Deus os atrativos das coisas no mundo, que tanto nos encantam, e são para nós instrumento de aprendizado<sup>5</sup>. Diante disso, recomenda-se responsabilidade e discernimento, atentando para aquilo que, pela falta de moderação, é prejudicial à nossa integridade, ou que nos aliena do mundo e de nós mesmos.

Nós nos identificamos com certas coisas produzidas por outras pessoas, que parecem expressar algo que também vivemos e senti-

mos – dando validade e servindo de catarse àquilo que se passa em nosso interior. Muitas vezes, a arte é um espelho, por intermédio do qual nos reconhecemos. Às vezes, enxergamos coisas que não tínhamos notado, e que se revelam a nós de um outro modo. Às vezes, não gostamos do que vemos.

Parecem estranhas as obras que refletem a maneira como vivemos na atualidade. Em um contexto marcado pela rapidez dos meios de comunicação e da transmissão de informações, experienciamos uma abundância de figuras, de sons e textos, porém, de um jeito passageiro, superficial, sem sentido, e de forma banalizada. A arte no mundo tem para nós, ainda, algum valor?

### III

*Asas da mente viajam no espaço  
Buscam fronteiras ainda desconhecidas  
Me levam pra dentro de mim  
Me fazem descobrir novas terras  
Um outro reino  
Que não terá fim  
Pra me entender e a paz achar*  
(Grupo Acorde – Asas)

A humanidade é capaz de criar coisas impressionantes. Os artistas transformam a matéria bruta em meio de expressão; inspiram-se nas experiências acumuladas por várias encarnações, em que puderam aprimorar suas habilidades e desenvolver seu talento; representam os quadros da existência terrena, com suas alegrias e complicações, e criam obras de grande impacto.

Porém, isso nos leva só até certo ponto: essas realizações carregam as marcas das nossas imperfeições, e as precariedades de sua constituição material. Em compensação, nossa imaginação entretém o ideal daquilo que não se encontra presente em nosso mundo,

uma outra realidade a que aspiramos.

A arte é, em todo caso, manifestação de um pensamento. Porém, o plano terreno é percebido por meio dos sentidos, fazendo-se necessária a matéria para sua manifestação física. Isso torna seus objetos suscetíveis ao desgaste e à imperfectibilidade que interferem em seu efeito.

Esse obstáculo deixa de existir em uma dimensão espiritual, não havendo mais o entrave material. O Espírito é capaz de atuar diretamente sobre os fluidos, sob o impulso de seu pensamento, dando-lhes as características que deseja – formas, cores e sons, constituindo até mesmo estruturas arquitetônicas inteiras. Seu efeito é mais intenso quanto mais sutil for a matéria que utiliza, ou melhor seja a destreza que adquiriu, e a firmeza de seu pensar. Não mais sujeito à transigência da matéria, suas obras são mais belas, e mais duráveis<sup>6</sup>.

Muitas vezes, os desencarnados influenciam as realizações humanas, trazendo repertórios para além de nossa existência. São inspirações que surgem pelo contato com esferas mais elevadas, transmitindo o saber para indivíduos que tentarão recriar efeitos semelhantes, com os recursos que estão ao seu alcance<sup>7</sup>.

A revelação espírita traz ao nosso imaginário outras perspectivas. Ao incorporar novos temas, as artes se transformam em um poderoso instrumento, que contribui para nossa transformação moral. Torna-se fonte de prazeres e belezas que tocam a alma, auxiliando no nosso aprendizado, e nos amparando em momentos de provação<sup>8</sup>.

A arte espírita é, para nós, como uma janela. Por meio dela, percebemos que há algo para além da nossa casa e daquilo que já conhecemos, onde as preocupações não são as mesmas e as coisas ocorrem de outro modo. Entrevemos paisagens ao longe, inferindo que, para além do que não conseguimos ver, há vistas que podemos conceber pela nossa

imaginação<sup>9</sup>.

A realidade espiritual nos dá um horizonte e, com a perspectiva da imortalidade da alma, traz um novo significado às nossas ações. Somos encorajados a elaborar criações que refletem um outro modo de ser e de viver. Em pensamento, podemos ensaiar aquilo que só adiante iremos realizar e experimentar de forma plena, pois a arte é capaz de refletir não somente o que o mundo é, mas também o que ele pode ser.

*O sol se esconde atrás da sua janela  
Por ela um novo dia sempre irá nascer  
Com cores vivas sempre tão singelas  
São elas que o amor do Cristo sempre  
irá tecer  
Por dias frios o cinza é uma tela  
É onde a gente pinta o desejo de crescer  
Sempre é bom olhar pela janela  
E sentir a vida ascender*  
(Equipe Um Som – Sobre a Tela)

<sup>1</sup> "Introdução ao estudo da doutrina espírita", item II, em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

<sup>2</sup> "Centros vitais", no capítulo 2, "Corpo espiritual", em *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz.

<sup>3</sup> "Energia Sexual", em *Vida e Sexo*, de Emmanuel.

<sup>4</sup> "Senso artístico: constituição e evolução", em *O Espiritismo na Arte*, de Léon Denis.

<sup>5</sup> "Gozo dos bens terrenos", no capítulo sobre a "Lei de Conservação", em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

<sup>6</sup> "O Espírito e sua parcela do poder criador", em *O Espiritismo na Arte*, de Léon Denis.

<sup>7</sup> "Inspiração: causa, efeitos, formas", em *O Espiritismo na Arte*, de Léon Denis.

<sup>8</sup> "Arte: meio de elevação e renovação", em *O Espiritismo na Arte*, de Léon Denis.

<sup>9</sup> "Sobre as artes em geral: a regeneração delas por meio do Espiritismo", em *Obras Póstumas*, de Allan Kardec.

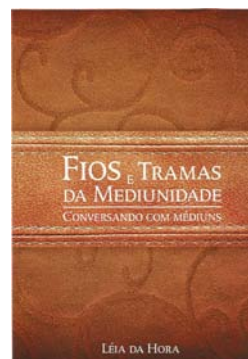


**Fios e tramas da mediunidade:  
no âmbito da reunião  
mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:  
conversando com médiuns  
(2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

## IDE-JF participa de festival literário

Pelo segundo ano consecutivo, o IDE-JF é convidado a participar do Festival Literário da Sociedade Espírita Primavera, que ocorreu em novembro de 2025. A participação envolveu a colaboração conjunta de outros departamentos do Instituto, além do Editorial, a fim de possibilitar a troca de experiências com outros trabalhadores espíritas. O Festival foi marcado por um ambiente acolhedor e harmonioso, favorecendo o aprendizado de todos os participantes. O IDE-JF agradece ao Primavera e a todos que colaboraram direta ou indiretamente para a participação da casa nesse evento, contribuindo para a divulgação das obras editadas pela casa.



Fotos: Claudia Nunes.

## IDE-JF – Encerramento das atividades de 2025



Fotos: Claudia Nunes.



**Breve história de todos nós –  
Uma síntese do tema Evolução  
e Espiritismo (2014)**

*Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques,  
Carlos Eduardo Nogueres, David Sérgio  
Gouvêa e Lyderson Viccini*

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



**Maco, o prego feliz (2013)**

*Léia da Hora*

R\$ 15,00

Disponível na Livraria